

# HISTÓRIA E CULTURA POPULAR NA LITERATURA DE CORDEL DO TERRITÓRIO DE IDENTIDADE LITORAL SUL DA BAHIA

Rita de Cássia Curvelo da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** O texto aborda a literatura de cordel no território de identidade litoral sul da Bahia. Resulta de uma pesquisa em andamento sobre tradições da cultura popular regionais. O cordel floresceu em Portugal no século XVII e, no Brasil, esse tipo de produção literária nos chegou através dos colonizadores e se estabeleceu no Nordeste como instrumento de pensamento coletivo e expressão da memória popular. O cordel, por recolher, registrar e interpretar fatos da vida real constitui fonte preciosa da história. Essa tradição popular tem sua produção reduzida com o passar dos tempos, contudo, os livretos publicados são fontes valiosas para conhecimento e difusão da história e da cultura local e forma de resistência cultural das classes subalternas da população.

**Palavras-chave:** Cultura Popular – Literatura de Cordel – História Regional.

## 1 – Introdução

Este texto origina-se de dados coletados em uma pesquisa em desenvolvimento sobre as manifestações artísticas da cultura de comunidades populares e populações tradicionais do território de identidade litoral sul da Bahia, objetivando a construção de um mapeamento sobre essas manifestações culturais. A investigação tem como fontes principais documentos escritos e imagens, os quais estão sendo codificados e analisados em profundidade, com posterior sistematização para a construção de um banco de dados e de um acervo (bibliográfico, fotográfico e videográfico) sobre a temática pesquisada.

Quanto ao território de identidade litoral sul da Bahia, este se localiza em sua maior parte na região litorânea, sendo composto por vinte e seis municípios e ocupando uma área de 15.886 Km<sup>2</sup>. É um território estritamente urbano, vez que apenas quatro dos seus municípios apresentam população rural superior à urbana. Possui uma população de 843.680 habitantes, composta por várias etnias, com destaque para as duas comunidades indígenas e onze comunidades quilombolas.

No contexto dessa região, o desenvolvimento social é bastante distinto em relação aos seus municípios, com enormes discrepâncias no desenvolvimento das cidades. Caracteriza-se, no entanto, como grande pólo turístico do País, com o ecoturismo em grande extensão da Mata Atlântica e o turismo rural.

Da grande variedade étnica a qual nos referimos, resultam inúmeras manifestações artísticas e religiosas populares. Neste texto, abordaremos uma das principais tradições artísticas da cultura popular local, a literatura de cordel.

## **2 – O cordel: aspectos históricos**

Na Antiguidade Clássica, dos povos greco-romanos, fenícios, cartagineses, saxões, já existem registros da literatura de cordel, a qual chegou à Península Ibérica por volta do século XVI.

A literatura de cordel tem sua difusão em Portugal no século XVII, onde pessoas cegas vendiam “folhas volantes” ou “folhas soltas”, constatando-se a existência desse tipo de literatura popular também na América Latina, escritos denominados de “hojas” ou “corridos”, envolvendo narrativas de fatos tradicionais e fatos circunstanciais, da mesma forma que ocorre com a literatura de cordel brasileira. Na França, o cordel era uma espécie de literatura volante, mais dirigida ao meio rural e, na Inglaterra, folhetos semelhantes aos nossos eram correntes, compostos de romances e histórias imaginárias e de folhas volantes sobre fatos históricos. Na Alemanha eram editados em tipografias avulsas, destinados ao grande público e vendidos em mercados, feiras, tabernas, diante de igrejas e universidades. Na Holanda, esses panfletos tratavam de temas políticos, econômicos e militares, ou assuntos pessoais. Assim, embora tenhamos recebido nossa literatura de Portugal e Espanha, existem outras fontes mais remotas dessa manifestação na Europa, desde o século XV e XVI.

No Brasil, a literatura de cordel nos chegou através dos colonizadores lusos, em “folhas soltas” ou mesmo em manuscritos, e se fixou no Nordeste como uma das peculiaridades da cultura regional, vez que grupos de cantadores, em face da formação social nordestina, das desigualdades e conflitos sociais e familiares, utilizavam o cordel como instrumento de pensamento coletivo e expressão da memória popular.

## **3 – Definição e características da literatura de cordel**

Porque ninguém é poeta popular porque diz que é ou pretende ser. O poeta popular é uma expressão da região, do seu povo, com sua linguagem própria e sabedoria secular. (LOPES, 1994, p.15)<sup>2</sup>.

Em uma definição simples e condensada, pode-se dizer que a literatura de cordel é uma poesia narrativa, popular, impressa, escrita com métrica e com rimas soantes. Para ter legitimidade expressional, necessita ser produzida pelo homem ou mulher do povo, pelo poeta

popular. Este ou esta é uma expressão da região, de seu povo, com uma linguagem própria e sabedoria secular. Nesta perspectiva, escreve o poeta popular Patativa do Assaré<sup>3</sup> (1999, p.27)<sup>4</sup>:

Repare que a minha vida  
É deferente da sua.  
A sua rima pulida  
Nasceu no salão da rua.  
Já eu sou bem deferente,  
Meu verso é como a semente  
Que nasce inriba do chão;  
Não tenho estudo nem arte,  
A minha rima faz parte  
Das obra da criação.

Mas porém, eu não invejo  
O grande tesôro seu,  
Os livro do seu colejo,  
Onde você aprendeu.  
Pra gente aqui sê poeta  
E fazê rima completa,  
Não precisa professô;  
Basta vê no mês de maio,  
Um poema em cada gaio  
E um verso em cada fulô.

Identifica-se um cordel legítimo através da análise ideológica que ele reflete, ideologia da grande massa dos nordestinos, representada de forma poética pelos cordelistas. Nesse sentido, assim se expressa Jorge Amado:

Nascida do povo e por ele realizada, a Literatura de Cordel corresponde às necessidades de informação, comentário, crítica da sociedade e poesia do mesmo povo que a concebe e a consome. É, ao mesmo tempo, o noticiário dos fatos mais importantes que ocorrem no mundo, no país, no estado, na cidade, no bairro, e sua interpretação do ponto de vista popular. É, ao mesmo tempo, a crítica por vezes contundente e a visão poética do universo dos acontecimentos. É puritana, moralista, mas igualmente cínica e amoral, realista e imaginosa – dentro de suas contradições perdura a unidade fundamental do choque da cultura e da vida do povo com a sociedade que limita, oprime e explora as populações pobres e trabalhadoras. Pode-se dizer, em resumo, que a literatura de Cordel é uma arma do povo contra seus inimigos. (JORGE AMADO, apud BAHIA, 1997)<sup>5</sup>.

O ano de 1830 é considerado, historicamente, o ponto de partida da poesia popular nordestina, com grandes nomes florescendo na década de 1860 e, depois dessa época até 1920, a poesia escrita e oral se tornou prioritária e os poetas se multiplicaram em grandes

proporções, notadamente nos Estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Alagoas e Ceará. A literatura de cordel ficou também conhecida como folheto de feira ou simplesmente folheto.

A temática do cordel é extremamente diversificada. Quase tudo serve de motivo aos poetas populares para escreverem seus folhetos: desde as adaptações dos romances tradicionais medievais, até assuntos históricos brasileiros, fatos ligados à religiosidade, ao misticismo, à vida campestre, crimes, acontecimentos locais, regionais e mundiais. Há, também, as peijas ou desafios, debates entre repentistas.

No enorme acervo de folhetos de cordel constata-se variedade e riqueza temática. Da poesia improvisada dos repentistas à literatura impressa, registram-se ciclos: a) ciclo heróico: inclui obras épicas e trágicas, como os folhetos sobre o banditismo no Nordeste; b) ciclo histórico: onde se destaca a figura do Padre Cícero; c) ciclo maravilhoso: onde se salientam os seres sobrenaturais e acontecimentos mágicos; d) ciclo religioso e de moralidade, ciclo de amor e de fidelidade, ciclo cômico e satírico e, finalmente, ciclo circunstancial (folhetos de ocasião, sobre política ou fatos recentes).

Outra classificação da poesia popular em verso distribui o cordel em três grupos: 1) temas tradicionais: romances e novelas, contos maravilhosos, estórias de animais, anti-heróis, peripécias e diabruras, tradição religiosa, ABC; 2) fatos circunstanciais ou acontecidos: de natureza física, como enchentes, cheias, secas, terremotos etc., de repercussão social, como festas, novelas, astronautas, cidades e vida urbana, crítica e sátira, elemento humano, que são figuras atuais ou atualizadas (governantes, místicos, fanáticos, cangaceiros etc.), tipos étnicos e regionais; 3) cantorias e peijas; 4) motes.

A despeito da riqueza temática e poética desse tipo de produção textual, a literatura de cordel não encontra lugar nos meios de comunicação de massa, dificultando aos artistas populares serem reconhecidos por suas obras. Um raro exemplo desse tipo de divulgação do cordel foi a telenovela Cordel Encantado, produzida e exibida pela Rede Globo de abril a setembro de 2011, considerada uma trama inovadora, por retratar o sertão brasileiro: uma fábula cativante, a qual constituiu uma combinação de literatura de cordel, misticismo religioso, cultura popular e tradição europeia. Também a escola de samba Acadêmicos do Salgueiro, do Rio de Janeiro, homenageou a literatura de cordel nordestina, com o enredo Cordel Branco e Encantado, através do qual mostrou contos religiosos, históricos e

fantásticos, personagens e cenários que fizeram história com os folhetins em todo o País, numa expressão poética e lúdica.

#### **4 – Modelos de cordel**

Em classificação formal adotada pelos próprios poetas populares, são chamados folhetos os impressos de até oito folhas e romances aqueles que possuem de dezesseis páginas em diante.

Sendo o Nordeste variado em suas paisagens naturais, bem como na sua herança cultural, a literatura de cordel reflete essas variações regionais. Três modelos de cordel representam três Nordeste bem característicos: 1) o cordel da área rural: principalmente os folhetos mais antigos, os clássicos, estão mais voltados para a realidade e os problemas do homem do campo e a vida das pequenas comunidades e vilas nordestinas. De modo geral, o poeta de cordel da área rural é, de todos, o mais conservador, contrário a qualquer tipo de mudança social ou cultural; 2) o cordelista da área urbana é ainda um conservador, mas com certa abertura às inovações. São poetas oriundos da zona rural, nas cidades sofrem o impacto dos veículos de comunicação. São mais abertos aos processos de mudança, mas ainda conservam certo ranço do passado. Escrevem, geralmente, sobre acontecimentos de repercussão nacional ou internacional; 3) o cordel das metrópoles: os poetas nordestinos, quando passam a residir em São Paulo ou Rio de Janeiro, adaptam-se plenamente ao meio em que vivem, assumindo a ideologia do homem comum dessas capitais. Por isso, justificam ou aplaudem temas polêmicos que são condenados pelos poetas populares da área rural.

#### **5 – A xilogravura do cordel**

O cordel antigo não trazia xilogravura de suas capas, as quais eram ilustradas apenas com vinhetos. A partir da década de 1930 surgem nas capas dos folhetos clichês de artistas de cinemas, fotos de postais, retratos de Padre Cícero e Lampião. As xilogravuras como símbolo visual só aparecem com regularidade a partir da década de 1940. É a arte, ou técnica de ilustração, de gravar em madeira, com o uso de ferramentas improvisadas (estilete, canivete, tesoura), realizando o entalhe na madeira. Expressão da criatividade dos artistas populares do Nordeste, as xilogravuras de cordel refletem ideais, anseios e sonhos do nordestino, além do mundo fantástico dos seres místicos e mágicos das concepções ingênuas.

#### **6 – A literatura de cordel no litoral sul da Bahia**

Através do processo de pesquisa que estamos realizando, constatamos que a literatura de cordel, no território litoral sul da Bahia, é produzida nos municípios de Almadina, Barro Preto, Coaraci, Itacaré, Itajuípe, Itapé, Santa Luzia, São José da Vitória, Ubaitaba, Una e, notadamente, nas cidades de Ilhéus, Itabuna.

No que se refere ao sul da Bahia, os poetas cordelistas assumem um papel de suma importância, pois a arte literária desenvolvida por eles propaga a região cacauzeira, com toda a sua história, o que propicia o povo brasileiro conhecer a maior região produtora de cacau, além de mostrar com os versos o auge e o declínio dessa produção. (LINS; SACRAMENTO, 2011, p.16)<sup>6</sup>

Em Ilhéus, merece destaque a cordelista Janete Lainha Coelho<sup>7</sup>, com centenas de folhetos publicados, dos quais destacamos “A paciência do ilheense é torrada numa ponte”, uma crítica aos constantes engarrafamentos que ocorrem na ponte que liga o centro da cidade de Ilhéus ao bairro do Pontal. Deste folheto, destacamos o seguinte fragmento (COELHO, 2011, p.5)<sup>8</sup>:

Da vida de nossa Ilhéus  
Eu só posso falar bem  
Pois foi onde me criei  
Minha família também  
Passando nesta ponte  
No vai e volta vira e vem

Com o Cordel e a cultura  
Eu duplico esta fonte  
É tamanha indecência  
A existência deste afronte  
Ver toda a nossa paciência  
Ser torrada nesta ponte

Hoje a população cresceu  
Vivemos outra realidade  
O controle do trafego  
Só nos traz dificuldade  
A segurança da população  
Virou uma banalidade

Itabuna tem como representantes os cordelistas Sherney Pereira, cuja preocupação central são os problemas ecológicos, Roque, que versa sobre temas da história da região do cacau e Minelvino Francisco da Silva<sup>9</sup>. Este último tem uma obra publicada que ultrapassa de mil folhetos, da qual destacamos os seguintes títulos<sup>10</sup>: A colheita do cacau (1967), Disco voador que apareceu na praia de ilhéus (1978), Eleição em Itabuna e a vitória do senhor José

Oduque Teixeira (1972), História da região cacauzeira e a jagunçada do passado (1979), História da região cacauzeira e os seus antepassados [s. d.], Nova enchente de Itabuna [s. d.], Samba de murros no jogo do Bahia com o Itabuna (1979), A mulher de sete metros que apareceu em Itabuna (1968), A marreta da carestia (1977). Escreveu, também, uma autobiografia, Os traços da minha vida, em 1987. O trecho que segue pertence ao cordel A colheita do cacau (1967, p.5)<sup>11</sup>:

Tinha muitos fazendeiros  
Que zelavam os operários,  
Pagando bem direitinho,  
Sem bancar os usurários.  
Os trabalhadores todos  
Recebiam seus salários.

Já outros eram contrários:  
Quando iam acertar  
A conta com os operários,  
Começavam assim somar:  
Três vezes nada é nada,  
Nada mais tenho a pagar.

Se aquele operário  
A conta não aceitasse,  
Ordenava o seu capanga  
Que o dinheiro botasse  
Na boca do clavinote,  
Quem fosse homem tirasse.

O capanga nessa hora  
Cheio de vida ficava,  
Pegava aquele dinheiro,  
No clavinote botava  
E então para tirá-lo  
Ao operário chamava.  
Aquele pobre operário,  
Querendo a vida salvar,  
Chamava por “santas pernas”,  
Deixava tudo ficar,  
Saía em toda carreira,  
Sem com a estrada acertar.

A obra de Minelvino configura-se como valiosa fonte de informações históricas concernentes às cidades de Itabuna e Ilhéus, bem como sobre outros espaços geográficos rurais e urbanos da região que constitui o universo da nossa pesquisa, como assevera Robson Rodrigues na seguinte citação:

O cordel de Minelvino serve como fonte historiográfica para a região cacauera desde o período da opulência dos frutos de ouro até o seu declínio com a vassoura de bruxa, na medida em que analisamos a opinião do cordelista frente às situações por que passa. O trovador, com suas rimas de forma bem lúdica versava sobre os fatos que aconteciam na região e principalmente em Itabuna. O progresso da cidade estava sempre impresso em seus livretos... (RODRIGUES, 2009, p.2)<sup>12</sup>

## **7 – Considerações**

O cordel por recolher, registrar e interpretar fatos da vida real constitui fonte historiográfica preciosa, pois guarda copioso manancial de informações: conflitos mundiais, eventos brasileiros, como revoluções, messianismo, religiosidade popular, cangaço, grandes secas e enchentes na região nordestina, crimes, acidentes, com detalhes sobre as pessoas que se destacaram nesses acontecimentos.

Através da pesquisa que estamos concretizando, constatamos que os sujeitos e grupos habitantes desse espaço geográfico produzem arte, bens simbólicos e serviços culturais, na forma de manifestações artísticas populares, tais como: folia de reis, maculelê, bumba meu boi, pau de fita, puxada de rede, danças africanas, samba de roda, com destaque para a capoeira, o teatro popular, o artesanato e a literatura de cordel, resultantes principalmente da influência das tradições indígenas e africanas, mescladas por elementos da cultura de outros povos, a exemplo dos portugueses, frutos de nossa formação histórica.

Embora a literatura de cordel tenha sido localizada em vários municípios da região, esse tipo de construção textual poética tem sua produção reduzida com o passar dos tempos, não se encontrando mais como objeto de comercialização nas feiras livres, restringindo-se a algumas bancas de revista e casas de cultura ou bibliotecas das cidades de Ilhéus e Itabuna.

Ainda assim, através dos cordeis escritos no passado ou no presente, podemos conhecer às idéias e expressões das culturas minoritárias, uma vez que os integrantes das populações tradicionais e de outros grupos populares são detentores da memória e da história coletiva dos seus povos. A literatura de cordel é, sem dúvida, uma fonte valiosa para conhecimento e difusão da história e da cultura local, sendo necessário, portanto, universalizar o acesso à produção e fruição dos bens e serviços culturais das classes populares, através da preservação dos seus bens simbólicos, promovendo a valorização de toda a multiplicidade de expressões que caracterizam a diversidade cultural dessa região.



Por tudo isso, finalizamos com o fragmento de um texto do poeta Carlos Drummond de Andrade, que assim se pronuncia sobre a literatura de cordel:

A poesia de cordel é uma das manifestações mais puras do espírito inventivo, do senso de humor e da capacidade crítica do povo brasileiro, em suas camadas modestas do interior. O poeta cordelista exprime com felicidade aquilo que seus companheiros de vida e de classe econômica sentem realmente. A espontaneidade e graça dessas criações fazem com que o leitor urbano, mais sofisticado, lhes dedique interesse, despertando ainda a pesquisa e análise de eruditos universitários. É esta, pois, uma poesia de confraternização social que alcança uma grande área de sensibilidade. (ANDRADE apud SLATER, 1984, p.2)<sup>13</sup>.

## NOTAS

<sup>1</sup> Rita de Cássia Curvelo da Silva, Professora Adjunta da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Pesquisa financiada com recursos da UESC. ritacurvelo8@hotmail.com.

<sup>2</sup> LOPES, José de Ribamar. *Literatura de cordel*: antologia. 3. ed. Fortaleza: BNB, 1994.

<sup>3</sup> Antonio Gonçalves da Silva nasceu em 1909 e morreu em 2002. Tem inúmeros folhetos de cordel e poemas publicados em revistas, jornais e livros, unanimemente reconhecidos como o poeta mais popular do Brasil. Cantou em verso e prosa os contrastes do sertão nordestino e a beleza dessa região, sendo considerado um sertanejo universal. Embora tenha passado apenas seis meses na escola, recebeu o título de Doutor Honoris Causa em várias universidades brasileiras. Na diversidade temática de sua poesia, trata do ambiente em que viveu, da vida cotidiana do agricultor, da modernidade e seus impactos, das relações de trabalho camponesas, do sistema fundiário, do sertão e sua gente, entre outros assuntos, entrelaçando o local e o global, em insolúvel e criativo conflito. Sua obra tomou vulto na forma de vários livros publicados, desde *Inspiração Nordestina*, de 1956, ao seu livro mais conhecido, *Cante Lá que eu canto cá*, do final da década de 1970.

<sup>4</sup> PATATIVA DO ASSARÉ. *Cante lá que eu canto cá* – filosofia de um trovador nordestino. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

<sup>5</sup> BAHIA. Secretaria da Cultura e Turismo. *Antologia baiana de literatura de cordel*. Salvador: SECT, 1997.

<sup>6</sup> LINS, Andréia Batista; SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do. A representação da identidade feminina nos cordeis de Janete Lainha Coelho. *REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários*, Vitória, s. 2, ano 7, n. 8, 2011.

<sup>7</sup> Andréia Lins e Sandra do Sacramento produziram um artigo intitulado A representação da identidade feminina nos cordeis de Janete Lainha, no qual as autoras destacam papel e o modo como a mulher era vista ao longo da história: Janete Lainha consegue tratar de um assunto que por considerável tempo a história deixou de lado: a figura feminina. A cordelista traça a história dessas mulheres excluídas, evidenciando os papéis executados por elas ao longo do tempo. Observa-se nos cordeis selecionados: “Os Desafios da Mulher tal e qual nos Tempos da Colher de Pau” [s.d.] e “Eu também sou candidata” [s.d.] é que ambos abordam especificamente a figura feminina enquanto elemento subjugado, ao tempo em que acenam para o plano de constituição da luta histórica que as mulheres travaram na sua caminhada pelos direitos de igualdade perante os homens na sociedade. (LINS; SACRAMENTO, 2011, p.18)

<sup>8</sup> COELHO, Janete. Lainha. *A paciência do ilheense é torrada numa ponte*. Ilhéus, 2011. Literatura de cordel.

<sup>9</sup> Para estudos mais aprofundados sobre a vida e a obra de Minelvino Francisco da Silva, consultar ARAÚJO, Nelson de. *Pequenos mundos: um panorama da cultura popular da Bahia*. Salvador:

UFBA/SEC/FCJA, 1996; ARAÚJO, Verônica Alves de Miranda. *Minelvino Francisco Silva: o trovador apóstolo e suas narrativas sobre a mulher*. Ilhéus, 2008. Monografia (Graduação) – Universidade Estadual de Santa Cruz; LAMOUNIER, Guilherme. *Minelvino Francisco Silva – Um encantador de histórias*. In: Agora. 28 de julho de 2001. p. 03. (Agora Artistas Plásticos – Minelvino); RODRIGUES, Robson. *A história regional grapiúna nos cordéis de Minelvino Francisco Silva* (1999). Disponível em: <[http://www.uesc.br/eventos/ciclohistoricos/anais/robson\\_rodrigues.pdf](http://www.uesc.br/eventos/ciclohistoricos/anais/robson_rodrigues.pdf)>. Acesso em: 30 de nov. de 2011; SANTOS, Marcio Santana. *O fenômeno do populismo em Itabuna nos cordéis de Minelvino*. Ilhéus, 2000. Monografia (Especialização) - Universidade Estadual de Santa Cruz.

<sup>10</sup> SILVA, Minelvino Francisco. *A colheita do cacau*. Itabuna, 1967. Literatura de cordel; SILVA, Minelvino Francisco. *Disco voador que apareceu na praia de Ilhéus*. Itabuna, 1978. Literatura de cordel; SILVA, Minelvino Francisco. *Eleição em Itabuna e a vitória do senhor José Oduque Teixeira*. Itabuna, 1972. Literatura de cordel; SILVA, Minelvino Francisco. *História da Região Cacaueira e a Jagunçada do Passado*. Itabuna, 1979. Literatura de cordel; SILVA, Minelvino Francisco. *História da região cacaueira e os seus antepassados*. Itabuna, [s. d.]. Literatura de cordel; SILVA, Minelvino Francisco. *Nova enchente de Itabuna*. Itabuna, [s. d.]. Literatura de cordel; SILVA, Minelvino Francisco. *Samba de murros no jogo do Bahia com o Itabuna*. Itabuna, 1979. Literatura de cordel; SILVA, Minelvino Francisco. *A mulher de sete metros que apareceu em Itabuna*. Itabuna, 1968. Literatura de cordel; SILVA, Minelvino Francisco. *Caminho sinistrado ou os quatro disastres de Itabuna*. Itabuna, [s. d.]. Literatura de cordel; SILVA, Minelvino Francisco. *A marreta da carestia*. Itabuna, 1977. Literatura de cordel; SILVA, Minelvino Francisco. *Os Traços da Minha vida*. Itabuna, 1987. Literatura de cordel.

<sup>11</sup> SILVA, Minelvino Francisco. *A colheita do cacau*. Itabuna, 1967. Literatura de cordel.

<sup>12</sup> RODRIGUES, Robson. *A história regional grapiúna nos cordéis de Minelvino Francisco Silva* (1999). Disponível em: <[http://www.uesc.br/eventos/ciclohistoricos/anais/robson\\_rodrigues.pdf](http://www.uesc.br/eventos/ciclohistoricos/anais/robson_rodrigues.pdf)>. Acesso em: 30 de nov. de 2011;

<sup>13</sup> SLATER, Candace. *A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.